

## MANAUS: A ALDEIA UNIVERSAL DE MILTON HATOUM

Kárita Aparecida de Paula Borges - UnB

O intuito do presente trabalho é averiguar a construção narrativa da obra *Dois irmãos* (2000), do escritor amazonense (de descendência libanesa) Milton Hatoum, vinculada ao contexto sócio-histórico e geográfico, mas não como um documentário da realidade, e sim, percebê-la como um instrumento (matéria-prima) que é recriado, transfigurado, por meio de um discurso ficcional, pelo autor<sup>1</sup>. Desse modo, sabe-se que é estreita a relação entre literatura e os fatores sociais no processo criativo de um escritor ao considerar que, por meio de uma redução estrutural (redução de fatos, das pessoas, do contexto sócio-histórico e geográfico, enfim da vida enquanto matéria narrada, porque há uma internalização do mundo por meio de uma voz lírica), a literatura produz um mundo à parte e transfigura, por modo estético-ideológico, a realidade.

Com essa ressalva faz-se necessário inferir a noção de espaço geográfico na narrativa hatoumiana, ou seja, como a cidade é percebida pelo olhar de Nael - filho de Domingas a empregada da casa dos imigrantes libaneses - que ao perambular por Manaus nos relata as modificações implantadas na Cidade Flutuante, a qual se transformou no decorrer da narrativa tendo em vista que, essa perpassa desde o fim do Ciclo da Borracha (*A belle époque* amazônica), passando pela Segunda Guerra Mundial até a Ditadura Militar com o Golpe de 1964.

Essa narrativa ambientada na Manaus das décadas de 1910 a 1960 e que revelada pelo olhar de um arguto observador, compõe uma narrativa caracterizada como regionalismo revisitado conforme Tânia Pellegrini<sup>2</sup> haja vista que, a narrativa de Hatoum embarca numa relativização do exótico oferecendo ao leitor um enredo que cria uma concepção de Manaus – a Cidade Flutuante – “como um universo ‘outro’, exótico mesmo, mas de um exotismo claro apenas para um olhar de fora, não para quem, como o autor (e os narradores)<sup>3</sup>, sendo parte dele, o vê sem idealização, com a lucidez melancólica de quem conhece o calor e a chuva, as muitas águas, frutas, pássaros e peixes, o cheiro do lodo e o da floresta” (PELLEGRINI, 2004, p.124).

Parece que a narrativa de Hatoum sugere revitalizar o regionalismo ao utilizar

com habilidade e traços particulares os referidos temas de fundamento telúrico, [mas de maneira a fazer *grifo meu*] uma reinserção deles numa ambiência peculiar, construída pela memória, amparada ao mesmo tempo na lembrança e no esquecimento.

As especificidades geográfico-sociais que suporiam, para um olhar de fora, provavelmente eurocêntrico, questões mais marcadamente “brasileiras”, precisamente pelo fato de a atmosfera narrativa situar-se em Manaus, centro importante do norte do país, encravado no meio da floresta amazônica, cujos estereótipos dizem respeito à cultura indígena, esbatem-se numa atmosfera quase onírica, dada pelo fluir de um tempo construído pelos narradores, que lembram o que sabem ou supõem saber e imaginam o que não sabem. Assim, inserida nesse território único e “outro”, cuja aura de exotismo – queira-se ou não – já faz parte das representações simbólicas do resto do país e do mundo, o autor situa mais um território, a Manaus imaginária da sua memória, e ainda um outro, não menos exótico para quem não o conhece, o das famílias libanesas ali radicadas, seu núcleo afetivo principal (idem, 2004, p.127-128).

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura de Dois Gumes. In: \_\_\_\_\_. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p.163-180.

<sup>2</sup> PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Revista Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin System, 2004, p.121-138.

<sup>3</sup> Aqui a autora refere-se também ao romance *Relato de um certo Oriente* (1989) do escritor.

Essa relativização é verificada em vários trechos da narrativa quando Nael perambulava na sua infância, como um observador<sup>4</sup>, pela cidade nos seus dias de folga. Tendo em vista que, o narrador passeia por essa Manaus como um personagem anônimo assim como os trabalhadores do porto da Catraia e os moradores do bairro dos Educandos, esses são denominados por Nael de “soldados da borracha” e que construíram suas casas num “dos bairros mais populosos de Manaus, que crescia muito com a chegada dos soldados da borracha, [que *grifo meu*] migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro” (HATOUM, 2000, p.41).

Desse modo Manaus torna-se o pano de fundo para a narrativa de Milton Hatoum conforme nos explica PERRONE-MOISÉS

as privações da cidade, já decadente, durante a guerra; a fundação de Brasília vista de longe; a ocupação da cidade pelos militares, "monstro verde" mais assustador do que a floresta; a repressão e a violência; o progresso duvidoso, porque desigual. As transformações do comércio, desde a lojinha modesta do antigo mascate, passando pela imitação do "milagre econômico" do sul, até a proliferação dos badulaques globalizados e a compra da loja por um indiano inescrupuloso, vão sendo discretamente registradas pelo narrador, como um subtema musical numa melodia sabiamente orquestrada. A visada política não é direta, explícita, mas assume a via indireta, que é a da literatura (PERRONE-MOISÉS, 2000, s/p).

Assim sendo, é importante frisar que o regionalismo na narrativa hatoumiana abarca processualmente a História do desenvolvimento de um grande centro urbano, que se transmuta da cidade da *belle époque* amazônica em Cidade Flutuante.

Dessa forma, esse narrador assume a posição de observador dos fatos como uma testemunha privilegiada, por meio de um mergulho na memória para que os fatos venham à tona em seu relato, e assim nos contar as transformações da Manaus - que viveu as glórias da *belle époque* - em Cidade Flutuante, a qual tem como símbolo as casas de palafitas recendendo a lodo, como já mencionado. Com isso, é possível perceber dois olhares sobre Manaus: o primeiro da infância e outro que a vislumbra modificada pela implantação do centro comercial da Zona Franca e, também, pelos ecos da modernização na década de 1950 que surgia na região sudeste do país, principalmente em São Paulo.

A Manaus da infância de Nael surge “como um espaço sócio-cultural e histórico, formado por estratos humanos que se cruzam e misturam, quase desaparecendo e deixando poucos vestígios: o estrato indígena, o do imigrante estrangeiro, o do migrante de outras regiões do país” (PELLEGRINI, 2004, p.123-124). Assim, em seus tempos de meninice quando saia aos domingos para comprar miúdos de boi para Zana – a matriarca dessa família – o narrador nos descreve o porto da Catraia de maneira tão natural, sem torná-lo como algo inusitado, que percebemos esse lugar como uma personagem viva em sua memória infantil<sup>5</sup>. Dessa forma, são os olhos de Nael que desenham um mapa dos lugares por onde ele passa pela cidade:

Aos domingos, quando Zana me pedia para comprar miúdos de boi no porto da Catraia, eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade, atravessava as pontes metálicas, perambulava nas áreas margeadas por igarapés, os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou não

<sup>4</sup> O observador aqui é um narrador que anda pela cidade de Manaus e sabe que desta trama não emerge nenhuma utopia, pois ele nos conta a respeito de uma cidade em que o processo de modernização da década de 1950 que pairava sobre a região sudeste do país ainda nem tinha chegado às regiões periféricas como Manaus, por exemplo.

<sup>5</sup> Sobre a influência do espaço na narrativa Milton Hatoum diz: “um romancista não é obrigado a evocar seu país, embora isso ocorra por meio da alegoria. E às vezes, mesmo quando o país não é matéria do enredo, ou não é tratado explicitamente, tem alguma coisa da vida do escritor que é latente. [...] um território, mínimo que seja, pode ser um mundo de muitas culturas, é um lugar que tem uma história, com suas relações de identidade...” (SCRAMIN, Susana. Entrevista com Milton Hatoum. *Revista Cult*, 2000, p. 06-07).

queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esquelética que rondava os pilares das palafitas. Via mulheres cujos rostos e gestos lembravam os de minha mãe, via crianças que um dia seriam levadas para o orfanato que Domingas odiava. Depois caminhava pelas praças do centro, ia passear pelos becos e ruelas do bairro da Aparecida e apreciar a travessia das canoas no porto da Catraia. O porto já estava animado àquela hora da manhã. Vendia-se tudo na beira do igarapé de São Raimundo: frutas, peixes, maxixe, quiabo, brinquedos de latão. (...) No meio da travessia já se sentia o cheiro de miúdos e vísceras de boi. Cheiro de entranhas. Os catraieiros remavam lentamente, as canoas emparelhadas pareciam um réptil imenso que se aproximavam da margem. Quando atracavam, os bucheiros descarregavam caixas e tabuleiros cheios de vísceras. Comprava os miúdos para Zana, e o cheiro forte, os milhares de moscas, tudo aquilo me enfastiava (HATOUM, 2000, p.80-81).

Nesse fragmento Nael pinta uma cidade desrotulada do exótico, porque está mergulhada na melancolia e na lucidez de quem a enxerga sem idealizações, porque não emerge dessa trama nenhuma utopia como o próprio narrador nos conta. Nessa incursão do personagem pelo espaço urbano nota-se a presença dos humildes e anônimos, que são os construtores da cidade através do seu trabalho, com sua forma de moradia – as casas de palafitas. Destarte, ao lermos a descrição de Nael temos a impressão de que as vísceras que espalham seu cheiro pelos igarapés são o cheiro do próprio espaço urbano, porque é algo tão comum àquele lugar. Com essa observação ratifica-se que

(...) não podemos dizer que a cidade deve ser apenas compreendida a partir dos olhares e anotações dos arquitetos e dos urbanistas, pois ela possui sua complexidade, suas nuances que nem sempre são percebidas por olhares isolados. É necessário descortinar o aparente para ver o que se põe por trás das fachadas, por trás das avenidas aparentemente belas, das grandes construções para atividades comerciais, residenciais, de lazer. É necessário, sobretudo, situar o homem dentro do contexto das grandes transformações da cidade, com objetivo de procurar compreender o que está para além do aparente na cidade (AGUIAR, 2002, p.50).

Portanto, Manaus pode ser considerada como uma das personagens principais da narrativa hatoumiana, porque com suas ruínas, portos, sujeiras, casas de palafitas e o comércio popular, a cidade torna-se um espaço privilegiado do enredo. Desse modo, temos uma

(...) cidade ilhada pelo rio e pela floresta, que desde o fim da belle époque da borracha, adaptou-se como foi possível a cada nova circunstância dada pelo desenvolvimento do capitalismo. Nesse sentido tem-se a história do país refletida num pequeno mundo e a ele circunscrita, transmitindo valores humanos específicos, assim fazendo a passagem do local para o universal (PELLEGRINI, 2004, p.123).

A utilização do local para evocar o universal pode ser exemplificada na narrativa quando percebemos a dicotomia entre Norte arcaico (Manaus decadente da *belle époque* do Ciclo da Borracha) *versus* Sul moderno (São Paulo industrializado durante o processo de modernização por volta da década de 1950).

A respeito do processo de modernização que o país viveu durante os anos 50 e 60 do século XX, Pellegrini discute no ensaio *Caminhos da Cidade* como fica a cidade enquanto matéria narrada na ficção brasileira. Para a autora “a cidade torna-se o cerne dos debates, pois a realidade citadina e a imaginação

estético-política fazem matéria literária do imperativo do progresso e de integração ao industrialismo e à sociedade de massas” (PELLEGRINI, 2008, p.18).

Assim na narrativa temos essa exemplificada essa utilização do local para evocar o universal quando percebemos a dicotomia entre o **arcaico** (Manaus decadente que num primeiro momento é o espaço onde se situa a loja de Halim – imigrante libanês pai dos irmãos gêmeos rivais – que só vende quinquilharias) e o **moderno** (aludido quando Rânia – filha do comerciante libanês – ao assumir o negócio do pai reforma a loja, vende os estoques e aposta nos produtos importados). Essa atitude é influenciada por Yaqub, seu irmão que se torna um promissor engenheiro em São Paulo, como conta o narrador: “Desconfiei da sanha empreendedora de Rânia e percebi que seu impulso era movido pelas mãos e as palavras de Yaqub. Em menos de seis meses a loja deu uma guinada, antecipando a euforia econômica que não ia tardar” (HATOUM, 2000. p.130-131).

O sentimento de deslocado em seu local de origem leva Yaqub “o montanhês rústico que urdia um futuro triunfante”<sup>6</sup> fora da província manauara, a se enveredar para São Paulo – a capital promissora do país (descrita nas poucas cartas que o jovem estudante de engenharia remetia aos seus pais). Essa cidade estimula o rapaz a se “expatriar” de seu território familiar constituindo-se num “outro” que não quer vínculo com sua história original. Tendo em vista que, essa etapa da vida de Yaqub ocorre por volta da década de 1950 (*boom* da modernização no Brasil) constata-se que: quem conhece de perto o subdesenvolvimento da “nação” de origem, no caso Manaus, eventualmente, perde a ilusão com sua terra natal e deseja buscar o progresso. Enfim, Yaqub rende a sua cultura (amazonense-libanesa) à cultura do capital, ou seja, ao projeto progressista do país, o que torna evidente o conflito entre as regiões do Brasil, gerado pelo processo de modernização que, por sua vez, é estruturada na ideologia do progresso a qualquer preço proclamado pelas elites urbanas das áreas desenvolvidas. E, que sendo exclusiva da elite brasileira, deixa à margem desse processo a maioria da população que desconhece as transformações advindas do desenvolvimento capitalista.

Porventura, com esse personagem, o autor esteja resgatando as discussões acerca das consequências do processo de colonização na América Latina, bem como sua nova etapa, que é a globalização – um capitalismo perverso ornamentado de certo grau de requinte ao utilizar o discurso “benevolente” de que não existem mais barreiras, em todos os sentidos que tal palavra congrega, entre os povos. Assim sendo, talvez seja pertinente enfatizar no estudo de *Dois irmãos* pela visão da “consciência dilacerada do atraso”<sup>7</sup>, a qual presume que “as áreas de subdesenvolvimento e os problemas do subdesenvolvimento (ou atraso) invadem o campo da consciência e da sensibilidade do escritor”<sup>8</sup>.

Enfim, essas questões percebidas no romance, com certeza, não estão como peças ornamentais e sim, de maneira consciente ou inconsciente, estão como fatores que denunciam as relações dicotômicas de nossa sociedade que geralmente são escamoteadas pela ideologia dominante. Praticante do proselitismo do capital ao proclamar que esse sistema tem o intuito de integrar todos os povos numa “aldeia global” onde somos irmanados comungando o mesmo ideal.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, José Vicente de Souza. Quando as luzes reluzem. In: \_\_\_\_\_. *Manaus: Praça, Café, Colégio e Cinema nos anos 50 e 60*. Manaus: Editora Valer; Governo do Estado do Amazonas, 2002, p.27-54. – (Série Em Busca da Identidade Regional)

CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p.140-162.

\_\_\_\_\_. Literatura de Dois Gumes. In: \_\_\_\_\_. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p.163-180.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Revista Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin System, vol.41, n. 1, 2004, p.121-138.

<sup>6</sup> Idem, p.32.

<sup>7</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. *A Educação pela noite*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000. p.162.

<sup>8</sup> Idem, p.162.

\_\_\_\_\_. Regiões, Margens e Fronteiras: Milton Hatoum e Graciliano Ramos. In: *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. 1.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008, p.117-135.

\_\_\_\_\_. Os Caminhos da Cidade. In: *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. 1.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008, p.15-35.

PERRONE-MOISÉS, Leila. A Cidade Flutuante. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 ago. 2000. *Caderno Especial – Jornal de Resenhas*. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 25 set. 2007.

SCRAMIM, Susana. Entrevista com Milton Hatoum. *Revista Brasileira de Literatura – Cult*, São Paulo: Lemos Editorial, n.36, jul. 2000, p.04-09, ano IV.